

**OS PRIMEIROS
DUELOS DAS
SEMIFINAIS DO
BRASILEIRO**

TABELÃO

**ESPECIAL:
TODA A COPA
EUROPÉIA DE
SELEÇÕES**

A FESTA AGORA É EM TÓQUIO

Com a inédita conquista da Taça Libertadores, o São Paulo leva sua torcida à loucura. E ganha o direito de sonhar com o título mundial

"Não tem Palmeiras, não tem Timão, é o São Paulo a caminho do Japão." O desabafo do torcedor tricolor, na saída do Morumbi, logo após a dupla vitória — 1 x 0 no jogo e 3 x 2 na cobrança dos pênaltis — sobre o Newell's Old Boys, da Argentina, na final da Taça Libertadores da América, era mais que justo. Afinal, se nos dias que antecederam o jogo não se imaginava tamanha participação da torcida, na hora da decisão a festa acabou sendo completa.

Às 6 horas da tarde da quarta-feira, 17 de junho, ninguém mais conseguia andar em São Paulo. Presos no trânsito, muitos pensavam que o movimento exagerado devia-se à saída do paulistano por causa do feriado de *Corpus Christi*. Ledo engano dos que ainda não conheciam o emergente fanatismo são-paulino: o que se via nas ruas, mais que carros em direção às estradas, era um sem-número de bandeiras tricolores, que logo mais invadiriam o Morumbi.

Um surpreendente entusiasmo que contrastava com a tranquilidade dos jogadores, preservados a todo custo. Numa atitude raramente vista em outros clubes na véspera de decisões, o São Paulo barrou a entrada de qualquer pessoa aos vestiários antes do jogo, fossem elas artistas de TV ou o próprio presidente Mesquita Pi-



Antônio Carlos, Raí e a taça: final feliz para o tricolor

"O São Paulo mostrou vontade de ganhar desde o começo e até em Montevidéu o Nacional se assustou com nossa gana."

(Raí, lembrando a vitória por 1 x 0 contra os uruguaios)

"Dei porrada no Lunari mesmo. Isso é Libertadores e sabia que o juiz não ia me expulsar nunca."

(Antônio Carlos, sobre a cotovelada que deu no jogador argentino durante o jogo)

"Tenho 60 anos e é difícil meu coração resistir. Desde que cheguei ao São Paulo, vivo emoção em cima de emoção."

(Telê Santana, nos vestiários, após a conquista)

menta. Todos sabiam: para conquistar o título, calma seria fundamental.

Isso ficou ainda mais claro dentro do campo, à medida que o tempo passava e os dois gols que o tricolor precisava para não ter que chutar pênaltis não saíam. Algo precisava mudar, e o estádio inteiro, impaciente com os sucessivos gols perdidos por Müller, fez a hora da mudança, aos gritos de "Macedo, Macedo".

O predestinado herói só entraria em meados da segunda etapa, no instante exato de sofrer o pênalti que originaria o gol da primeira vitória da noite, marcado por Raí. Depois daquele momento de alívio proporcionado aos mais de 100 000 são-paulinos presentes, chegara a hora da torturante disputa em pênaltis. Müller, que saíra vaiado, corre atrás do gol para orientar Zetti nas cobranças adversárias. Baseado em estudos do preparador Valdir de Moraes, mostrava ao goleiro o canto certo. E foi um dos que mais vibraram com a última defesa, após a cobrança do argentino Gamboa, que valeu a vitória por 3 x 2.

Tudo deu certo naquela noite em que enlouquecidos tricolores promoveram uma invasão do gramado só comparável à dos corintianos, campeões depois de 22 anos, em 1977. Desta vez, porém, a festa tinha outras cores: as do São Paulo, e só do São Paulo, a caminho do Japão.

**OS PRIMEIROS
DUELOS DAS
SEMIFINAIS DO
BRASILEIRO**

TABELÃO

**ESPECIAL:
TODA A COPA
EUROPÉIA DE
SELEÇÕES**

A FESTA AGORA É EM TÓQUIO

Com a inédita conquista da Taça Libertadores, o São Paulo leva sua torcida à loucura. E ganha o direito de sonhar com o título mundial

"Não tem Palmeiras, não tem Timão, é o São Paulo a caminho do Japão." O desabafo do torcedor tricolor, na saída do Morumbi, logo após a dupla vitória — 1 x 0 no jogo e 3 x 2 na cobrança dos pênaltis — sobre o Newell's Old Boys, da Argentina, na final da Taça Libertadores da América, era mais que justo. Afinal, se nos dias que antecederam o jogo não se imaginava tamanha participação da torcida, na hora da decisão a festa acabou sendo completa.

Às 6 horas da tarde da quarta-feira, 17 de junho, ninguém mais conseguia andar em São Paulo. Presos no trânsito, muitos pensavam que o movimento exagerado devia-se à saída do paulistano por causa do feriado de *Corpus Christi*. Ledo engano dos que ainda não conheciam o emergente fanatismo são-paulino: o que se via nas ruas, mais que carros em direção às estradas, era um sem-número de bandeiras tricolores, que logo mais invadiriam o Morumbi.

Um surpreendente entusiasmo que contrastava com a tranquilidade dos jogadores, preservados a todo custo. Numa atitude raramente vista em outros clubes na véspera de decisões, o São Paulo barrou a entrada de qualquer pessoa aos vestiários antes do jogo, fossem elas artistas de TV ou o próprio presidente Mesquita Pi-



Antônio Carlos, Raí e a taça: final feliz para o tricolor

"O São Paulo mostrou vontade de ganhar desde o começo e até em Montevidéu o Nacional se assustou com nossa gana."

(Raí, lembrando a vitória por 1 x 0 contra os uruguaios)

"Dei porrada no Lunari mesmo. Isso é Libertadores e sabia que o juiz não ia me expulsar nunca."

(Antônio Carlos, sobre a cotovelada que deu no jogador argentino durante o jogo)

"Tenho 60 anos e é difícil meu coração resistir. Desde que cheguei ao São Paulo, vivo emoção em cima de emoção."

(Telê Santana, nos vestiários, após a conquista)

menta. Todos sabiam: para conquistar o título, calma seria fundamental.

Isso ficou ainda mais claro dentro do campo, à medida que o tempo passava e os dois gols que o tricolor precisava para não ter que chutar pênaltis não saíam. Algo precisava mudar, e o estádio inteiro, impaciente com os sucessivos gols perdidos por Müller, fez a hora da mudança, aos gritos de "Macedo, Macedo".

O predestinado herói só entraria em meados da segunda etapa, no instante exato de sofrer o pênalti que originaria o gol da primeira vitória da noite, marcado por Raí. Depois daquele momento de alívio proporcionado aos mais de 100 000 são-paulinos presentes, chegara a hora da torturante disputa em pênaltis. Müller, que saíra vaiado, corre atrás do gol para orientar Zetti nas cobranças adversárias. Baseado em estudos do preparador Valdir de Moraes, mostrava ao goleiro o canto certo. E foi um dos que mais vibraram com a última defesa, após a cobrança do argentino Gamboa, que valeu a vitória por 3 x 2.

Tudo deu certo naquela noite em que enlouquecidos tricolores promoveram uma invasão do gramado só comparável à dos corintianos, campeões depois de 22 anos, em 1977. Desta vez, porém, a festa tinha outras cores: as do São Paulo, e só do São Paulo, a caminho do Japão.

**OS PRIMEIROS
DUELOS DAS
SEMIFINAIS DO
BRASILEIRO**

TABELÃO

**ESPECIAL:
TODA A COPA
EUROPÉIA DE
SELEÇÕES**

A FESTA AGORA É EM TÓQUIO

Com a inédita conquista da Taça Libertadores, o São Paulo leva sua torcida à loucura. E ganha o direito de sonhar com o título mundial

"Não tem Palmeiras, não tem Timão, é o São Paulo a caminho do Japão." O desabafo do torcedor tricolor, na saída do Morumbi, logo após a dupla vitória — 1 x 0 no jogo e 3 x 2 na cobrança dos pênaltis — sobre o Newell's Old Boys, da Argentina, na final da Taça Libertadores da América, era mais que justo. Afinal, se nos dias que antecederam o jogo não se imaginava tamanha participação da torcida, na hora da decisão a festa acabou sendo completa.

Às 6 horas da tarde da quarta-feira, 17 de junho, ninguém mais conseguia andar em São Paulo. Presos no trânsito, muitos pensavam que o movimento exagerado devia-se à saída do paulistano por causa do feriado de *Corpus Christi*. Ledo engano dos que ainda não conheciam o emergente fanatismo são-paulino: o que se via nas ruas, mais que carros em direção às estradas, era um sem-número de bandeiras tricolores, que logo mais invadiriam o Morumbi.

Um surpreendente entusiasmo que contrastava com a tranquilidade dos jogadores, preservados a todo custo. Numa atitude raramente vista em outros clubes na véspera de decisões, o São Paulo barrou a entrada de qualquer pessoa aos vestiários antes do jogo, fossem elas artistas de TV ou o próprio presidente Mesquita Pi-



Antônio Carlos, Raí e a taça: final feliz para o tricolor

"O São Paulo mostrou vontade de ganhar desde o começo e até em Montevidéu o Nacional se assustou com nossa gana."

(Raí, lembrando a vitória por 1 x 0 contra os uruguaios)

"Dei porrada no Lunari mesmo. Isso é Libertadores e sabia que o juiz não ia me expulsar nunca."

(Antônio Carlos, sobre a cotovelada que deu no jogador argentino durante o jogo)

"Tenho 60 anos e é difícil meu coração resistir. Desde que cheguei ao São Paulo, vivo emoção em cima de emoção."

(Telê Santana, nos vestiários, após a conquista)

menta. Todos sabiam: para conquistar o título, calma seria fundamental.

Isso ficou ainda mais claro dentro do campo, à medida que o tempo passava e os dois gols que o tricolor precisava para não ter que chutar pênaltis não saíam. Algo precisava mudar, e o estádio inteiro, impaciente com os sucessivos gols perdidos por Müller, fez a hora da mudança, aos gritos de "Macedo, Macedo".

O predestinado herói só entraria em meados da segunda etapa, no instante exato de sofrer o pênalti que originaria o gol da primeira vitória da noite, marcado por Raí. Depois daquele momento de alívio proporcionado aos mais de 100 000 são-paulinos presentes, chegara a hora da torturante disputa em pênaltis. Müller, que saíra vaiado, corre atrás do gol para orientar Zetti nas cobranças adversárias. Baseado em estudos do preparador Valdir de Moraes, mostrava ao goleiro o canto certo. E foi um dos que mais vibraram com a última defesa, após a cobrança do argentino Gamboa, que valeu a vitória por 3 x 2.

Tudo deu certo naquela noite em que enlouquecidos tricolores promoveram uma invasão do gramado só comparável à dos corintianos, campeões depois de 22 anos, em 1977. Desta vez, porém, a festa tinha outras cores: as do São Paulo, e só do São Paulo, a caminho do Japão.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ